

**RECKZIEGEL, Ana Cecília de Carvalho.** Lugares vazios: uma exploração dos processos de criação do Núcleo de Investigação – Usina do Trabalho do Ator. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora Assistente; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Doutoranda; Professor Doutor Gilberto Icle. Atriz.

## RESUMO

A presente comunicação propõe uma discussão sobre aspectos relativos ao trabalho criativo do ator, constantes nos processos de criação dos espetáculos do grupo porto-alegrense Usina do Trabalho do Ator (UTA), no qual a autora deste texto é atriz e pesquisadora. A discussão dá-se a partir de uma perspectiva *foucaultiana*, segundo a qual o sujeito de um enunciado é uma função vazia, e na qual um indivíduo pode ocupar diversas posições e assumir o papel de diferentes sujeitos em uma série de enunciados. Pensa-se que as funções teatrais de ator, diretor e dramaturgo constituem lugares vazios nas práticas teatrais que utilizam processos de criação coletivos, os quais podem ser ocupados de forma simultânea, por um único, ou por diferentes indivíduos/atores no momento da construção de um espetáculo teatral. O objetivo da discussão é pensar sobre as diferentes formas de ocupação desses lugares vazios no âmbito do trabalho artístico e criativo do UTA, perceber como os integrantes do grupo desenvolvem e compartilham seu material criativo, e como esse processo de construção conforma os artistas como atores-diretores-dramaturgos. Utilizam-se depoimentos colhidos em entrevista semiestruturada realizada com atores do grupo, os quais revelam questões relativas aos processos de criação do primeiro e do último espetáculo realizados pelo grupo, *Klaxon* (1994) e *Cinco tempos para a morte* (2010), respectivamente. A análise considera aspectos relativos aos processos criativos, temática e estrutura destes espetáculos.

**Palavras-chave:** Etnocologia. Teatro. Ator. Processo de Criação.

## RESUMEN

La presente comunicación propone una discusión sobre aspectos relativos al trabajo creativo del actor, constante en los procesos de creación de los espectáculos del grupo gaúcho Usina do Trabalho do Ator (UTA), en lo cual la autora es actriz y pesquisadora. La discusión se da a partir de una perspectiva foucaultiana, segundo la cual el sujeto de un enunciado es una función vacía, y en la cual un individuo puede ocupar diversas posiciones, y asumir el papel de diferentes sujetos en una cantidad de enunciados. Pensa-se que las funciones teatrales de actor, diretor, y dramaturgo, constituyen lugares vacíos en las prácticas teatrales que utilizan procesos de creación colectivos, los cuales pueden ser ocupados de manera simultánea, por un único, o por diferentes individuos/actores en el momento de la construcción de un espectáculo teatral. El objetivo de la discusión es pensar sobre las diferentes maneras de ocupación de esos lugares vacíos en el ámbito del trabajo artístico y creativo del UTA, percibir como los integrantes del grupo desarrollan y comparten su material creativo, y como ese proceso de construcción conforma

los artistas como actores-diretores-dramaturgos. Utilizase depoimentos tomados en entrevista semi-estruturada realizada con actores del grupo, los cuales revelan cuestiones relativas a los procesos de creacion de lo primero y de lo último espectáculo realizados por el grupo, *Klaxon* (1994) y *Cinco tempos para a morte* (2010), respectivamente. La análisis considera aspectos relativos a los procesos creativos, temática y estructura de los espectáculos.

**Palavras-clave:** Etnocenologia. Teatro. Actor. Proceso de creacion.

No início da transcrição da conferência de Michel Foucault *O que é um autor?* (2006), realizada em 1969, na *Société Française de Philosophie*, há um resumo sobre os argumentos que o filósofo se propunha a desenvolver naquela sessão. Resumidamente, traz a citação de Beckett escolhida por Foucault, para discorrer sobre o “apagamento do autor”, e segue explicitando que “[...] o essencial não é constatar uma vez mais seu desaparecimento; é preciso descobrir, como lugar vazio — ao mesmo tempo indiferente e obrigatório — os locais onde sua função é exercida” (2006, p. 264). O que aparece como a “função autor”, diz Foucault, é “apenas uma das especificações possíveis da função sujeito” (2006, p. 287). Enquanto um dos elementos constituintes de um enunciado, um sujeito pode ser compreendido como “uma posição a ser ocupada” (FISCHER, 2001). Relacionando as formulações de Foucault às funções teatrais de ator, diretor e dramaturgo, penso que estas constituem lugares vazios. Nas práticas teatrais que utilizam processos de criação coletivos, esses lugares podem ser ocupados de forma simultânea por um único ou por diferentes indivíduos/atores no momento da construção de um espetáculo teatral.

O objetivo desta comunicação é pensar sobre as diferentes formas de ocupação desses lugares vazios no âmbito do trabalho artístico e criativo do Núcleo de Investigação Usina do Trabalho do Ator (UTA), perceber como os integrantes do grupo desenvolvem e compartilham seu material criativo, e como esse processo de construção conforma os artistas como atores-diretores-dramaturgos. Para tanto, utilizarei depoimentos colhidos em entrevista semiestruturada realizada com os atores Gilberto Icle e Celina Alcântara. Ambos integram o grupo desde sua criação e respondem a questões relativas aos processos de criação do primeiro e do último espetáculo realizados pelo grupo *Klaxon* (1994) e *Cinco tempos para a morte* (2010). O grupo originou-se de um projeto realizado em 1992, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, visando criar um núcleo de pesquisa teatral, sob a coordenação de Maurício Guzinski, Diretor da Oficina Teatral Carlos Carvalho. Em concorrência pública, inicialmente foram selecionados doze atores, a partir da apresentação de projetos de pesquisa. Conforme relataram Gilberto e Celina, o projeto desenvolveu-se por dois anos, ao longo dos quais o grupo reduziu-se para seis atores. Em 1994, já desvinculado da Secretaria Municipal de Cultura, o grupo decidiu seguir trabalhando, e cria então o Núcleo de Investigação Usina do Trabalho do Ator (UTA). Nesse momento, os integrantes do grupo sentiram a necessidade de ter uma orientação mais concreta em seu treinamento, e Gilberto Icle assume, por sugestão própria e aceitação dos colegas, a função de diretor.

*Klaxon*, o primeiro espetáculo do grupo, foi criado em 1994. Celina diz que, desde o início de suas pesquisas em conjunto, os atores perceberam a importância do contato com a cena. No trabalho de treinamento que o grupo desenvolvia já havia um direcionamento para criação relacionada com a cena. O procedimento do grupo consistia em desenvolver os exercícios utilizados no treinamento, por exemplo, a dança dos ventos<sup>1</sup> a partir da qual foi criado muito material para a cena. A dança dos ventos propicia a instalação de um estado de total envolvimento físico e mental, possibilitando um sensível estado, ou “espírito” improvisacional (TCHEKHOV, 1996). As improvisações com a dança eram trabalhadas a partir de ideias propostas por Gilberto. Eram utilizadas imagens poéticas, com sentido muito aberto, que tinham o objetivo de estimular a liberdade criativa dos atores. Essa forma de trabalhar, e o material ali produzido, conduziram naturalmente à decisão de criarem um espetáculo.

Os atores entrevistados não recordam como exatamente surgiu a ideia do tema do espetáculo. Lembram que a proposta inicial era de que cada ator criasse uma figura, ou personagem, e pesquisasse referências (textos, poemas, músicas etc.) para utilizar no treinamento, e construir material que possibilitasse a criação de um espetáculo. A partir daí surgiu a temática do carnaval. Em um dos portfólios do grupo (s/d), somos informados que *Klaxon* se estrutura sobre a temática do carnaval, particularmente o desfile de uma escola de samba. Além disso, é dito que o espetáculo dramatizava a “ambiguidade do carnaval como palco de inversões [...] o mendigo pode ser rei e o rico pode ser bufão”. Os personagens foram construídos a partir da noção da fantasia/figurino carnavalesco. Sem preocupações realistas, “era como se os atores ‘vestissem’ uma fantasia e ‘desfilassem’ num certo transe sobre uma passarela”. As figuras trabalhadas foram Macunaíma; o Hierofante, “que escondia dentro de si uma Bailarina Boba”; a Lavadeira que “sonhava em ser Rainha do Carnaval”; o Estrangeiro e a Criola Doida, em “uma ação dramática baseada nos arquétipos do homem brasileiro”.

O roteiro de *Klaxon* foi organizado por Gilberto, que participava do espetáculo como ator, e pela primeira vez, como diretor. Coube a ele a tarefa de articular, de compor, de trabalhar os encadeamentos e o tratamento das cenas. Celina diz que havia uma construção de cena bem precisa por parte do diretor, com indicações dos fragmentos de partituras individuais que seriam utilizados, a recriação de fragmentos das improvisações realizadas em grupo, e dos deslocamentos dentro do espaço cênico. Para ela, Gilberto “tinha um roteiro na cabeça [...] mas a gente não tinha ideia disso. A gente não conversava sobre isso”.

Em 2010, o grupo, constituído por seis atores, e mantendo apenas Gilberto e Celina daquela conformação original, cria o espetáculo *Cinco tempos para a morte*. A ideia para o espetáculo é sugerida por Gisela Habeyche. O processo de criação instalou-se efetivamente por meio de improvisações, que partiam de histórias e lendas sobre o tema da morte, trazidos pelos atores, e de fontes iconográficas diversas. O grupo direcionou-se para uma outra maneira de

---

<sup>1</sup> Vide Icle (2002) e Ferracini (2003).

improvisar, a qual não partia da relação entre partituras, como em *Klaxon*, mas calcava-se no jogo do ator (SPOLIN, 1987). O espetáculo tem uma estrutura narrativa não linear, constituída pela intercalação de cenas — construídas a partir de fragmentos de diferentes improvisações — e de depoimentos dos atores sobre situações vivenciadas e relacionadas com o tema da morte.

Para Celina, de *Klaxon* para *Cinco tempos para a morte*, a grande transformação é que os atores têm mais ingerência e opinião sobre seu próprio trabalho, e a criação do espetáculo. O ator consegue olhar-se de fora, fazer escolhas que mexem com a narrativa e com a estética do espetáculo. Gilberto pensa que atualmente há muito mais envolvimento, discussão e também maturidade por parte do grupo, no sentido de saber “como acessar, de como chegar no espetáculo”. Quanto à sua função de diretor, lembra que em *Klaxon* havia muita dependência: “eu tinha que fazer tudo, que dizer tudo, agora todo mundo tem muito mais autonomia”.

Pela rápida descrição das entrevistas, percebe-se que há inicialmente a figura de um diretor, responsável pela montagem do espetáculo, a partir do material construído pelos atores, e posteriormente, um diretor que compartilha a criação e as decisões sobre a montagem do espetáculo com seus atores. Vê-se que ao longo dos anos de trabalho, os integrantes do grupo desenvolvem sua autonomia artística, tornando-se responsáveis pela criação dos roteiros e dos textos de seus espetáculos. Assim, penso que nas práticas dos processos de criação dos espetáculos do UTA, o compartilhar e o transitar entre as diferentes funções possibilitam a abertura de lugares, de posições que podem ser ocupadas por diferentes sujeitos no momento da construção de um espetáculo teatral, e conformam os artistas como atores-diretores-dramaturgos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2003.
- FISCHER, Rosa. **Foucault e a análise do discurso em educação**. In: Cadernos de Pesquisa, n. 114, pp. 197-223, novembro/ 2001.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. In: Ditos e escritos III. Michel Foucault. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- ICLE, Gilberto. **Teatro e construção de conhecimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- TCHEKHOV, Michael. **Para o ator**. São Paulo: Martins fontes, 1996.